

Xenofobia em relação à asiáticos no cenário da pandemia da covid-19: uma revisão narrativa de literatura

Xenophobia towards Asians in the scenario of the covid-19 pandemic: a narrative literature review

Clara Keely Monteiro Silva*

Layrthton Carlos de Oliveira Santos**

RESUMO: A discriminação contra asiáticos é um fenômeno que sempre ocorreu, mas com o início da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), percebeu-se um aumento significativo de ataques xenofóbicos a esse grupo. Tendo em vista os efeitos gerados pela pandemia, que potencializaram esses ataques à comunidade asiática, o presente trabalho objetivou, através de uma revisão narrativa de literatura recente, explorar as atitudes xenofobas durante a pandemia da COVID-19 direcionadas a asiáticos, e seus efeitos na saúde mental, com publicações entre 2020 e 2021, em língua inglesa. Como resultado foram selecionadas quatro pesquisas de natureza psicológica que avaliaram e discutiram esses fatores. Observou-se uma importante influência das mídias que colaboraram com a formação de um estereótipo negativo dos chineses, aumentando assim a discriminação e o preconceito, assim como um crescimento dos níveis de ansiedade. Conclui-se que houve um aumento significativo da discriminação racial para com os asiáticos e seus descendentes diante da pandemia da COVID-19, ocorrendo tanto *online* como presencialmente, constatando-se os efeitos negativos desses ataques na saúde mental. Constata-se a importância desses estudos para fins de conscientização e intervenções junto à população geral a fim de reduzir o preconceito direcionado ao referido grupo étnico.

Palavras-chave: Asiáticos; COVID-19; Mídias; Saúde mental; Xenofobia.

ABSTRACT: Discrimination against Asians is a phenomenon that has existed before, but with the outbreak of the new coronavirus pandemic (SARS-CoV-2), these xenophobic attacks have increased significantly. Given the impact of the pandemic in increasing these attacks on the Asian community, the present work aimed to examine xenophobic attitudes during the COVID -19 pandemic targeting Asians and their impact on mental health using a narrative review of recent literature, with publications between 2020 and 2021 in English. Four research papers of psychological nature were then selected to evaluate and discuss these factors. Observed was the great influence of the media, which participated in the formation of a negative stereotype of the Chinese, reinforcing discrimination and prejudice, as well as an increase in anxiety levels. The study concludes that racial discrimination against Asians and their descendants has increased significantly both online and in person due to the COVID -19 pandemic, noting the negative impact of these attacks on mental health. The importance of these studies in raising public awareness and taking action to reduce prejudice against the aforementioned ethnic group is confirmed.

Keywords: Asians; COVID-19; Mental health; Media; Xenophobia.

* Psicóloga graduada pelo Centro Universitário de Patos clarasilva@psico.fiponline.edu.br

** Doutor em Psicologia Social, Professor do Centro Universitário de Patos layrthtonsantos@fiponline.edu.br

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade o preconceito e a discriminação estão presentes, sendo considerados normais até o século XX diante de grupos considerados de menor valor. Assim, prevaleciam ideais baseados na superioridade e inferioridade de um grupo sobre outro (PEREIRA; LIMA, 2004). Somente na segunda metade do século XX surgiram mudanças sociais e políticas devido a movimentos históricos importantes como o movimento feminista, a criação da Declaração dos Direitos Humanos, entre outros. Acontecimentos que impulsionaram o estudo da formação de estereótipos, preconceito e a discriminação (PEREIRA; LIMA, 2004).

Segundo Torres e Neiva (2011), o preconceito está extremamente ligado à formação de estereótipo, que são crenças generalizadas sobre determinado grupo, levando à categorização das pessoas com base no estereótipo compartilhado. O preconceito se caracteriza por um conteúdo específico (estereótipo) direcionado ao alvo e determinando o tipo de reação frente a ele, geralmente sendo de estranhamento ou de hostilidade (CROCHÍK, 1996). Tendo como produto a discriminação, as quais podem ser manifestadas de diversas formas como machismo, homofobia, racismo, xenofobia, entre outros, que estão relacionadas geralmente ao assédio moral e podendo gerar violência psíquica, verbal ou física (TORRES; NEIVA, 2011).

Tipos de preconceito

Dos tipos de preconceito, inicialmente, pode-se citar o racismo que, segundo Silva (2017, p. 129):

“Se desenvolve estabelecendo uma separação que é feita a partir da cor/raça das pessoas, permitindo aos brancos ocuparem posições superiores na hierarquia social, enquanto os negros são mantidos nas posições inferiores. Independentemente de sua condição socioeconômica ou quaisquer outros privilégios.”

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, deixando marcas profundas na sociedade, onde pessoas de pele preta num contexto pós-abolição não tiveram condições adequadas de vida, se submetendo a condições de vida e trabalho insalubres. Essas

marcas são sentidas até os dias atuais, conforme aponta (NUNES, 2006, p. 91):

“Uma luta constante em uma sociedade em que a desigualdade racial é arraigada e as tentativas de apagar a memória da barbárie contra os escravos são permanentes, quer pela eliminação de documentos, quer pela disseminação do mito da democracia racial.”

Outra forma de expressão de preconceito é a homofobia. Enquanto o racismo trata-se de uma forma de segregação baseada na cor da pele, a homofobia seria então sobre a forma de expressão da sexualidade do sujeito. Costa e Nardi (2015) fazem uma reflexão sobre o termo homofobia que usualmente é empregado como violência e discriminação perante a indivíduos com orientação sexual distinta da heterossexual. Os autores relatam influência da psicologia e da psiquiatria na validação do estigma formado perante a essa orientação, pelo fato de que inicialmente o “homossexualismo” enquadrava-se como transtorno de identidade sexual e personalidade, perspectiva que foi desconstruída pela APA (*American Psychological Association*) em 1973 devido a fortes pressões dos movimentos sociais.

Outra forma de preconceito é a misoginia, que segundo Moterani e Carvalho (2016, p. 167) “é o prejuízo mais antigo do mundo e apresenta-se como um ódio ou aversão às mulheres, podendo manifestar-se de várias maneiras, incluindo a discriminação sexual, violência e objetificação sexual das mulheres.” Desde os primórdios da história humana, o preconceito contra as mulheres apresenta suas facetas.

Xenofobia

A xenofobia no Brasil é crime tipificado na Lei 9.459 (1997) onde diz em seu “Art. 1º Serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”, ou seja, a prática ou incitação da discriminação ou preconceito é crime, e tem como pena reclusão de um a três anos e multa (SANTOS, 2019). A “xenofobia” então pode ser definida como: “Receio, medo ou rejeição, direcionado a algo ou alguém que não faz parte do local onde se vive ou habita; hostilidade. Aversão a estrangeiros; repugnância a pessoas ou coisas provenientes de países estrangeiros.” (RIBEIRO, 2019; BARROS, 2022).

De acordo com dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos do governo federal, que indicaram um aumento das denúncias de xenofobia e intolerância religiosa no Brasil.

Onde atos xenófobos, aumentaram 633% em 2014 e 2015 (330 denúncias foram acolhidas em 2015, contra 45 no ano anterior). Apesar da imagem internacional do Brasil de um lugar em que todos são bem-vindos independente de cor, religião, classe social entre outros, muitos migrantes acabam por vir ao país com a esperança de viver com pouco ou sem nenhum preconceito ou intolerância e acabam por se deparar com uma realidade totalmente distinta. (FARAH, 2017; MARTINS, 2022)

Sendo comuns comentários como:

“A maioria desses viciados são nordestinos... O governo precisa enviá-los para suas terras de volta. Que Deus abençoe todas as pessoas e pau nos vagabundos. Era melhor ter deixado todos juntos e testar nesses zumbis algumas armas químicas ou simplesmente tacar fogo em todos. Pra cima desses vermes dos direitos dos manos. São Paulo livre das drogas, rumo ao progresso, família cristã e trabalho! Vai, comunista, engane mais um punhado de trouxas... vai entregando São Paulo para os muçulmanos [sic]. Viva a ditadura!” (FARAH, 2017 p.16)

A xenofobia voltada à comunidade asiática (sinofobia) até a década de 40 a intolerância era expressa em livros e jornais. Essa hostilidade se apresentava de forma aberta obras como “O Perigo Japonês”, de Vivaldo Coaracy de 1942 (ALVES FILHO, 2008). No cenário atual, Marim (2020) relata o aumento das reações de medo diante de um vírus invisível e como isso está relacionado a ataques frente a comunidade asiática em razão da pandemia da COVID-19 (Coronavirus disease 2019):

“Desde janeiro, quando a doença estourou em Wuhan, na China, e se espalhou por 114 países, chineses e outros membros da comunidade asiática pelo mundo se tornaram alvo de agressões físicas e verbais, segregação e comentários ofensivos pela internet e tais preconceitos ainda circulam, mesmo passados alguns meses desde o início da pandemia.” (p.56).

A autora Marim acrescenta ainda que é algo comum encontrar registros desses ataques na internet “O medo do coronavírus inflou o ódio contra pessoas que nem tinham viajado recentemente para a China, mas que simplesmente por terem traços caracteristicamente asiáticos, se tornaram alvos” (MARIM, 2020, p.57).

Tendo em vista os efeitos gerados pela pandemia que potencializaram esses ataques à comunidade asiática, tornando-se algo mais aberto e, para alguns, agora “justificado”, o presente trabalho objetivou através de uma revisão narrativa da literatura recente explorar as atitudes xenófobas durante a pandemia da COVID-19 direcionadas a asiáticos.

MÉTODO

O presente trabalho consistiu em uma revisão narrativa de literatura, a qual possui como foco principal descrever e discutir determinado assunto/temática e seu desenvolvimento de determinado ponto de vista teórico.

O processo de coleta do material foi realizado de forma não sistemática no período de agosto a setembro de 2021. Foram incluídas publicações realizadas entre 2020 e 2021, em língua inglesa devido a uma escassez de trabalhos em língua portuguesa, tendo como fonte base de dados científicos dispostos em tais plataformas: Google Acadêmico, Scielo, PEPSI e periódicos CAPES. Os termos utilizados como buscadores foram: xenophobia AND asian AND psychology.

Para a realização do trabalho, inicialmente foi selecionado um total de 10 artigos, onde 4 deles remanesceram, por se encaixarem melhor com os objetivos do presente artigo. Para análise dos dados reunidos, utilizou-se da técnica de análise interpretativa livre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do levantamento bibliográfico acerca das atitudes xenófobas contra asiáticos e descendentes durante a pandemia da COVID-19, foram selecionadas quatro pesquisas de natureza psicológica que avaliaram e discutiram esses fatores durante os anos 2020 e 2021. No Quadro 1 encontram-se os artigos escolhidos para a revisão e algumas informações elementares dos mesmos.

Quadro 1 - Artigos incluídos para revisão

| Ano | Título | Autores | Revista | Objetivo Geral |
|------------|---|----------------|----------------|---|
| 2020 | <i>COVID- 19 Racism and Mental Health in Chinese American Families.</i> | Cheah et al. | Pediatrics. | Foi examinado em 6 tipos de níveis de racismo e discriminação racial frente à COVID-19, vivenciados por |

| | | | | |
|------|--|--------------------------|--|--|
| 2021 | <i>An outbreak of xenophobia: Perceived Discrimination and anxiety in Chinese American college students before and during the COVID-19 pandemic.</i> | Haft e Zhou | International Journal of Psychology. | <p>país e jovens sino-americanos e suas associações com a saúde mental.</p> <p>O estudo teve como objetivo comparar as diferenças na percepção de discriminação e ansiedade entre os dois grupos (Pré-COVID e durante-COVID), testar a influência da COVID-19 na percepção de discriminação e a ansiedade e examinar se a exposição das Mídias retratando indivíduos chineses negativamente mediou as relações entre COVID-19 e a discriminação.</p> |
| 2021 | <i>Chinese American Adolescents Experiences of COVID-19 Racial Discrimination: Risk and Protective Factors for Internalizing Difficulties.</i> | Cheah et al. | Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology. | <p>Identificar os riscos e fatores defensivos da saúde mental de adolescentes sino-americanos examinando a associação entre as experiências vivenciadas por eles de discriminação racial relacionadas à COVID-19 e suas dificuldades de internalização.</p> |
| 2021 | <i>Xenophobia in the Time of a Pandemic: Social Media Use, Stereotypes, and Prejudice against</i> | Ahmed, Hsueh-Hua, e Chib | International Journal of Public Opinion Research | <p>O estudo examinou a relação entre o uso das Mídias sociais, percepção de risco de doença, confiança social e política e estereótipos externos e</p> |

| | |
|---|--|
| <i>Immigrants during the COVID-19 Crisis.</i> | preconceito durante o momento de agitação social diante da pandemia. |
|---|--|

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na pesquisa de Cheah, et al. (2020), como metodologia de procedimentos e participantes, teve como critério para participação parentes que se identificam etnicamente chineses e residirem nos Estados Unidos, sendo pais com filhos de 04-18 anos e jovens de 10-18 anos de idade, realizada através de um questionário aplicado remotamente, com intervalo de tempo de aplicação de 14 de março de 2020 a 31 de maio de 2020. Adaptando escalas de medição já existentes, onde algumas delas foram utilizadas para ambas as amostras, e uma específica aplicada para os jovens e outra para os pais. Escalas aplicadas para ambas amostras foram utilizadas para analisar os seguintes pontos: mensurar a discriminação racial sofrida de forma *online*, discriminação racial direta em pessoa, variante discriminação racial, sinofobia e sinofobia em mídia, bem-estar psicológico e sintomas de ansiedade generalizada. Para os pais, separadamente, foi aplicado o II-Inventário de depressão de Beck (*Beck Depression Inventory-II*) (BECK; STEER; BROWN, 1987) e nos jovens para verificar problemas internos e externos utilizaram o Questionário de pontos fortes e dificuldades (SDQ) (*Strengths and Difficultie Questionnaire*) (GOODMAN, 1997).

Como resultado final foi observado com a amostra de 543 pais sino-americanos participantes e uma sub-amostra de 230 composta por seus filhos. Dos pais e jovens respectivamente 31,7% e 45,7% relataram ter vivenciado discriminação racial direta pelo menos uma vez *online*, sendo as maiores taxas relatadas presenciais (pais: 50,9%; filhos: 50,2%). A maioria de pais e jovens afirmaram haver testemunhado a discriminação racial *online* pelo menos uma vez (pais: 76,8%; filhos: 76,5%) e pessoalmente (pais: 88,5%; filhos: 91,9%) demonstrando que uma grande porcentagem já viu ou vivenciou tanto *online* como presencialmente o preconceito racial contra chineses, ou seja, um a cada quatro pais e jovens relataram ter sofrido preconceito racial quase todos os dias, e sua maioria relatou ter experienciado ou testemunhado violência contra chineses pelo menos uma vez devido a pandemia da COVID-19, além desses altos valores de discriminação percebidos, foi observado níveis moderados à severos de ansiedade (VIEIRA, 2022)

O trabalho de Haft e Zhou (2021) consistiu em um estudo transversal com uma amostra de estudantes chineses de uma universidade pública do oeste dos Estados Unidos com

faixa etária de no mínimo 18 anos de idade, dividido em dois grupos, *pré-covid* (9 de setembro de 2019 a 4 de dezembro de 2019) e *durante-covid* (4 de fevereiro de 2020 a 23 de março de 2020), sendo o primeiro grupo antes da confirmação do primeiro caso da COVID-19 nos EUA. Buscando analisar a percepção da discriminação, níveis de ansiedade e a influência da mídia negativa, perguntando por exemplo: “Pense sobre o conteúdo que você vê em várias formas de mídia. Quantas vezes você viu imigrantes chineses retratados negativamente?”. Obtendo como amostra final total 198 participantes, como resultado foi observado uma percepção maior de discriminação e sintomas de ansiedade entre o grupo durante-covid em relação ao grupo pré-covid e como adicional a exposição negativa chinesa da mídia mediou a associação entre a COVID-19 e a discriminação.

Contando com a participação de 211 adolescentes sino-americanos e seus pais que se identificam etnicamente como chineses, a pesquisa de Cheah et al. (2021), mensurou através de um questionário *online*, avaliando a correlação entre a discriminação racial relacionada à COVID-19 vivenciada por adolescentes tanto *online* como presencialmente, levantando itens como, por exemplo: “Devido a COVID-19, as pessoas disseram coisas maldosas ou rudes sobre mim *online* por causa da minha raça ou grupo étnico”; a integração da identidade bicultural (*BII - Bicultural Identity Integration*) os classificando em dois grupos, o BII blendedness (BII combinação) que consiste na avaliação entre a dissociação e sobreposição entre as duas identidades culturais, e o BII harmony (BII harmonia) que analisa a tensão *versus* a compatibilidade entre as identidades culturais; correlacionando também com outro construto que é o PMERS (*Promotion of Mistrust Ethnic–Racial Socialization*) ou em português “Promoção da desconfiança da socialização étnico-racial” que observou as “percepções dos adolescentes sobre a socialização étnico-racial dos pais que promovem a desconfiança das crianças em relação aos indivíduos de outras origens étnico-raciais” (CHEAH et al. 2021) e entre seus itens estava: “Eu lhe disse para evitar pessoas de outros grupos étnicos ou raciais”; findando com a análise das dificuldades internalizadas dos adolescentes, incluindo elementos como: “muitas vezes eu me sinto triste, deprimido ou choroso” e “sou atormentado ou intimidado por outras crianças”, a esses quesitos tanto os pais como os adolescentes participaram.

Os resultados do estudo supracitado indicaram correlações entre as variáveis, especificamente que tanto o BII harmonia e o BII combinação foram associados a uma menor internalização de dificuldades, mostrando que isso talvez esteja relacionado pelo fato dos adolescentes estarem vivenciando um período intenso de desenvolvimento de identidade, podendo se beneficiarem estando mais adeptos a integrar suas heranças e identidades, e

mover-se com fluidez entre as duas. Para a socialização étnico-racial de alerta ou desencorajamento, por parte dos pais nos filhos de interações com outros grupos étnico-raciais, foi mostrado pelo estudo, a sua associação com as dificuldades de internalização entre adolescentes sino-americanos, indicando associações negativas entre as práticas parentais de PMERS e a adaptação da criança. O contexto de socialização negativa gerada pelos pais PMERS, é apontado por Cheah et al. (2021) na possibilidade de prejudicar a saúde mental dos adolescentes sino-americanos, aumentando seus medos de outras pessoas fora de seus grupos étnico-raciais, sem medidas de enfrentamento e promovendo a hostilidade entre os grupos.

O último artigo incluído na revisão corresponde ao estudo de Ahmed, Hsueh-Hua e Chib (2021) que teve como foco principal observar como as mídias sociais podem afetar separadamente a influência dos níveis de confiança nos estereótipos e no preconceito contra os imigrantes chineses, ou seja, dependendo das informações apresentadas em suas redes sociais e mídias, podem afetar significativamente sua confiança social e política.

Contando com uma amostra de 1.036 cidadãos de Cingapura, foi realizado através de um painel *online* e aplicado no início de fevereiro de 2020, duas semanas após o primeiro caso confirmado da COVID-19 em Cingapura. Foi medido o estereótipo negativo, o sentimento por imigrantes chineses, a percepção dos riscos da COVID-19, confiança política e social, uso de mídias sociais de notícias, dimensão da rede e discussão da heterogeneidade da rede. Seus resultados mostraram que a percepção de um risco maior à doença associado ao uso das mídias sociais estaria ligada a níveis elevados de estereótipo e preconceito para com os imigrantes chineses. Como já visto na literatura e comparado no estudo, o fato de em suas mídias abarcar um público mais amplo e diverso, indicam um menor índice de estereótipo e preconceito. Os autores frisam que a exposição seletiva de conteúdos, influenciam nos índices maiores de estereótipo e preconceito, em que os indivíduos estão consumindo fontes de notícias tendenciosas contra os imigrantes, e uma solução sugerida para a redução desses índices, é a exposição do indivíduo a uma rede mais ampla, assim consumindo informações de várias fontes, um outro ponto importante são conversas e discussões com grupos distintos para “romper com as câmaras do eco que podem reforçar os preconceitos existentes que promovem o extremismo” (AHMED; HSUEH-HUA; CHIB, 2021).

Unificando esses trabalhos é observado que todos buscaram entender sobre o processo de discriminação para com os chineses, onde cada autor analisou o fenômeno de diferentes formas, podendo assim sugerir que os mesmos se complementam, tendo em vista que eles acabam suprimindo as faltas uns dos outros. É possível atentar a esses fatos, pois enquanto

Cheah, et al. (2020) analisam a discriminação presencialmente e *online* e seus efeitos psicológicos em pais e jovens, Halft e Zhou (2021) complementam trazendo a análise desses efeitos antes e durante a pandemia da COVID-19 mais a influência das mídias na formação da imagem negativa de chineses e seus descendentes. Cheah et al. (2021) além de correlacionarem a COVID-19 com a discriminação também observam a influência da biculturalidade na percepção da discriminação e os efeitos de uma educação que promova a desconfiança da socialização étnico-racial. Sendo que nesses três trabalhos anteriores foram realizados sobre um contexto americano, com imigrantes e descendentes de chineses, e no último estudo de Ahmed, Hsueh-Hua e Chib (2021) analisou-se a influência das mídias na formação da confiança social e estereótipos em Cingapura frente a pessoas imigrantes da China após a COVID-19.

Comprovando o que Marim (2020) relatou do aumento dos ataques xenofóbicos a asiáticos, agressões verbais e comentários ofensivos nas mídias, através de uma contemplação coletiva dos achados reunidos nesse estudo é observável a ligação entre o aumento do número de ataques xenofóbicos á asiáticos no contexto da pandemia da COVID-19, com efeitos negativos na saúde mental desses indivíduos, como o aumento significativo dos níveis de ansiedade. A influência das mídias, mostrou-se atrelada à formação de um estereótipo negativo dos chineses, contribuindo, assim, para a discriminação e o preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir frente aos trabalhos observados, um aumento significativo da discriminação racial para com os asiáticos e seus descendentes diante da pandemia da COVID-19, ocorrendo tanto *online* como presencialmente, foi constatado os efeitos negativos desses ataques na saúde mental, diante aos indicativos dos altos níveis de ansiedade nesses grupos durante a pandemia, afetando significativamente nas relações e interações com pessoas de diferentes grupos étnicos. Outro ponto importante é como as mídias transpassaram uma imagem negativa de pessoas asiáticas e o poder que ela tem na formação de estereótipos, gerando uma maior discriminação e medo perante ao grupo, mostrando como os conteúdos consumidos alteram a percepção de mundo do sujeito. Constata-se a importância desses estudos, indicando a necessidade de pesquisas futuras nesse campo dentro de um contexto brasileiro, tendo em vista a escassez de trabalhos que analisem a fundo os efeitos da discriminação na saúde mental dessa população, podendo assim desenvolver estratégias de apoio e suporte psicológico.

Em virtude dos fatos mencionados pode-se dizer que o objetivo principal do trabalho foi alcançado, apesar das limitações relacionadas ao número de publicações que se enquadravam nos critérios estabelecidos, também por ser um fenômeno consideravelmente recente e devido a um número limitado de publicações na língua portuguesa. Em ocasiões futuras, faz-se pertinente o desenvolvimento e levantamento de estudos que avaliem o fenômeno também na população brasileira.

REFERÊNCIAS

AHMED, Saifuddin; CHEN, Vivian Hsueh Hua; CHIB, Arul Indrasen. Xenophobia in the time of a pandemic: Social media use, stereotypes, and prejudice against immigrants during the COVID-19 crisis. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 33, n. 3, p. 637-653, 2021.

BARROS, Leonardo Patricio de et al. Racismo Religioso: uma outra face do racismo na formação social brasileira. Dissertação UFRJ. 2022. 108p

BECK, Aaron T. et al. **Beck depression inventory**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987.

BRASIL. Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997.

CHEAH, Charissa SL et al. Chinese American adolescents' experiences of COVID-19 racial discrimination: Risk and protective factors for internalizing difficulties. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v. 27, n. 4, p. 559-568, 2021.

CHEAH, Charissa SL et al. COVID-19 racism and mental health in Chinese American families. **Pediatrics**, v. 146, n. 5, 2020.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em psicologia**, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em psicologia**, v. 4, n. 3,

p. 47-70, 1996.

FARAH, Paulo Daniel. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. **Revista USP**, n. 114, p. 11-30, 2017.

GOODMAN, Robert. The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 38, n. 5, p. 581-586, 1997.

HAFT, Stephanie L.; ZHOU, Qing. An outbreak of xenophobia: Perceived discrimination and anxiety in Chinese American college students before and during the COVID-19 pandemic. **International Journal of Psychology**, v. 56, n. 4, p. 522-531, 2021.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Esteriótipos, preconceito e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. EDUFBA, 2004.

MARIM, Caroline Izidoro. A residência do medo e suas fronteiras. In: **Bioethics & Neuroethics in Global Pandemic Times**. Editora fundação fênix, 2020.

.MARTINS, Antonio Guilherme preconceito e estigma frente às pandemias de covid-19 e hiv/aids: uma revisão narrativa da literatura. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 34, 2022.

MOTERANI, Geisa Maria Batista; CARVALHO, Felipe Mío de. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do avesso**, v. 14, n. 14, p. 167-178, 2016.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, v. 17, p. 89-98, 2006.

RIBEIRO, D. **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2019.

SILVA, Marcos Antonio Batista. Racismo institucional: pontos para reflexão. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 1, p. 127-136, 2017.

SANTOS, Rafael Cícero Cyrillo. O RACISMO NO FUTEBOL. **Revista Ciências Jurídicas e Sociais UNG Ser**, v. 7, n. 1, p. 62-76, 2019

VIEIRA, Patrícia Solange Tavares. Xenofobia no Brasil: revisão de literatura e relato de experiência. 2022. 47 f. Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

